

Maria Helena Nobre de Moraes Querido Semedo

Doutoramento Honoris Causa

Universidade Aberta
Auditório Camões | Lisboa
3 de dezembro de 2018

1417

UNIVERSIDADE
AbERTA

www.uab.pt

Maria Helena Nobre de Moraes Querido Semedo

Doutoramento Honoris Causa

Universidade Aberta
Auditório Camões | Lisboa
3 de dezembro de 2018

FICHA TÉCNICA

Título | Doutoramento *Honoris Causa* | Maria Helena Nobre de Moraes Querido Semedo

Edição | Universidade Aberta

Organização | Conselho Editorial da UAb

Fotografia | Arquivo da Universidade Aberta

Coleção | Documentos UAb

Produção | Serviços de Produção Digital | Direção de Apoio ao Campus Virtual

ISBN | 978-972-674-872-4

ANO | 2020

Apresentação da Homenageada

Prof. Doutora Carla Padrel de Oliveira

Senhor Presidente da República de Cabo Verde, Excelência;
Magnífico Reitor da Universidade Aberta;
Distintos membros do corpo diplomático Ilustres Autoridades;
Senhores Reitores, Senhores Professores;
Senhores Membros da Comunidade Académica;
Minhas Senhoras e meus Senhores,

A Universidade Aberta, no ano do seu trigésimo aniversário, escolheu homenagear uma personalidade que nos impressionou e tocou pela forma determinada como, ao longo dos anos, foi desenhando e construindo a sua carreira profissional, ancorada em valores transversais de cidadania ativa, revestidos por uma grande paixão pela Natureza e pela preservação da biodiversidade.

“Por causa de honra” – Honoris Causa – é um título honorífico que a Universidade Aberta decidiu unanimemente outorgar à Dra. Maria Helena Semedo, uma personalidade que internacionalmente se afirma e distingue pelas suas qualidades pessoais, pela forma como olha o futuro e aplica as suas competências profissionais ao serviço da Humanidade.

Vivemos num contexto mundial atribulado, complexo e instável, onde é difícil controlar as ações do Homem sobre o clima e conter a escalada das hegemonias políticas, financeiras, culturais e digitais. Estas hegemonias isolam, ensombram a



memória, encurtam a tolerância, esgotam a energia e a vontade de combater o preconceito, ameaçando a sobrevivência da Humanidade e a da Terra que a acolhe e alimenta.

Na cerimónia de hoje, com um significado especial para a nossa universidade, prestamos homenagem académica a uma mulher de convicções fortes, com Ideias e Ideais, e cujo percurso e atividade cívica se estende a várias dimensões de uma intensa ação profissional e política. Uma exploradora que não se deixa intimidar pelas barreiras ou pelos limites geográficos, trilhando e desbravando novos caminhos na procura de soluções e formas de pensar e mudar o mundo.

Estamos perante uma pessoa/mulher/estadista/cidadã de espírito aberto, empenhada, generosa e intrépida, que não teme enfrentar desafios nem hesita abraçar causas e projetos em defesa da dignidade humana e da sustentabilidade do planeta, em qualquer lugar do mundo.

Magnífico reitor da Universidade Aberta, Excelências, minhas Senhoras e meus Senhores, “por causa de honra” fazer a apresentação dos momentos mais relevantes da carreira de Maria Helena Semedo é uma honra, um prazer e uma responsabilidade.

Sintetizar, de forma justa, o percurso de Maria Helena Semedo perante tão ilustre assembleia, foi uma tarefa que se revelou gratificante e inspiradora, nomeadamente pela dimensão pioneira e diversificada do seu percurso de vida e da sua intervenção cívica e profissional, que apresentarei a partir de quatro dimensões distintas e não obrigatoriamente cronológicas.



- Académica e profissional
- Política
- Carreira internacional
- Pessoal

ACADÉMICA E PROFISSIONAL

Maria Helena Semedo nasceu em Cabo Verde, onde frequentou e concluiu o ensino secundário.

Deixou a sua terra rumo a Portugal, em 1978, para iniciar a formação académica no Instituto Superior de Economia de Lisboa, onde concluiu a Licenciatura em Economia, na especialidade de Planeamento.

Como economista recém-licenciada, em 1983, entrou como estagiária na Direção Geral do Planeamento do Ministério da Economia, em Lisboa.

Um ano mais tarde, regressou a Cabo Verde para iniciar a sua carreira profissional como técnica Superior na Direção Geral do Planeamento no Ministério da Cooperação e do Plano, onde foi responsável pelos setores do Turismo e Comércio.



Novos desafios esperavam-na, pelo que, em outubro de 1986, integrou os quadros do Banco de Cabo Verde, inicialmente no Departamento de Investimentos e, mais tarde, na coordenação do Departamento de Organização e Métodos, onde foi responsável pela instalação e modernização de várias agências do Banco.

No âmbito da sua formação de base, experiência profissional e conhecimento acumulado, publica artigos, participa em conferências e eventos internacionais e, regularmente, profere palestras em universidades e organizações da sociedade civil.

A VIDA POLÍTICA teve início em 1991, na sequência da instauração do regime democrático em Cabo Verde. Nesse quadro aceitou o cargo de Secretária de Estado das Pescas, um setor fundamental e com forte impacto na economia do País.

Este primeiro grande desafio mostra a sua capacidade de liderança e planeamento, que resultou na modernização e renovação do sistema de gestão das pescas de um país insular composto por uma dezena de ilhas vulcânicas no centro do oceano Atlântico. Em 1996, foi nomeada Ministra do Desenvolvimento e das Pescas, tendo tido a seu cargo os setores da Agricultura, Ambiente e a coordenação do Desenvolvimento Rural e das Pescas. Dois anos mais tarde, foi nomeada Ministra do Mar, assumindo ainda as pastas dos Transportes Aéreos, Marítimos e Terrestres, mantendo a área das Pescas e, em 1998, assumiu a liderança do Ministério do Turismo, Transportes e Mar.

Foi, ainda, membro da Comissão Política e da Direção Nacional do MPD, Movimento para a Democracia, deputada da Assembleia Nacional de Cabo Verde pelo MPD e membro da Assembleia Municipal da Cidade da Praia.

Tal como sucedeu com sua Excelência o Presidente da República de Cabo Verde, Dr. Jorge Carlos de Almeida Fonseca, que fará o *Laudatio*, também Maria Helena Semedo é um exemplo de Cidadania Lusófona e ambos partilham aspetos das suas vidas na diáspora, nomeadamente o percurso académico, o início da sua vida profissional em Portugal e, mais tarde, o regresso a Cabo Verde para uma intensa vida política.

Com mais de trinta de anos de experiência profissional Maria Helena Semedo é uma reputada especialista mundial em questões de desenvolvimento agrícola sustentável, área onde tem ocupado cargos de destaque quer em funções públicas ao serviço do Governo de Cabo Verde quer no estrangeiro.

Trocar a estabilidade da carreira política nacional pela oportunidade de assumir novos desafios, conduz-nos a uma outra dimensão do percurso de vida de Maria Helena Semedo e que é fundamental destacar: a **CARREIRA INTERNACIONAL**.

Foi presidente da Comissão Sub-regional das Pescas, que integrava alguns países africanos da costa atlântica (Cabo Verde, Senegal, Guiné-Bissau, Guiné Conacri, Mauritânia e Gâmbia) e da Comissão dos Estados Ribeirinhos do Oceano Atlântico.

A sua experiência como governante levou-a a assumir várias responsabilidades a nível regional, com destaque para a Presidência do Conselho de Ministros do Comité Inter-

Estados para a Seca no Sahel, cargo que ocupou entre 1993 e 1997. Foi durante este período que procedeu à reestruturação organizacional do Comité, tornando-o numa instituição de referência da região.

No âmbito da sua carreira política internacional representou Cabo Verde junto de várias agências especializadas, regionais e internacionais das Nações Unidas das quais se destacam a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura – FAO, o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola – FIDA, a Organização Internacional da Aviação Civil – ICAO e Organização Mundial do Trabalho – OMT.

A batalha pela promoção da segurança alimentar e contra os efeitos adversos da seca e da desertificação através da promoção do equilíbrio ecológico, é uma das suas bandeiras.



©FAO/Roberto Cenciarelli. Editorial use only. Copyright ©FAO.

Neste âmbito, efetuou várias negociações em representação do Comité Permanente Inter-Estados de Luta contra a Seca no Sahel – CILSS e da Comunidade Económica da África Ocidental - CEDEAO.

Entre 2001 e 2003, representa Cabo Verde na União Inter-Parlamentar.

OA

Mas a sua carreira internacional ganhou uma outra dimensão e impulso quando, em 2003, aceitou deixar o país natal para ir trabalhar para a República do Níger, ao serviço da FAO.

Em 2008, mudou-se para a capital do Gana, Accra, para assumir as funções de Coordenadora para a Africa Ocidental e, paralelamente, de Diretora Regional Adjunta e representante da FAO junto da República do Gana.

Em maio de 2008, foi condecorada com a Ordem do Níger pelos serviços prestados como representante da FAO.

No ano seguinte, foi nomeada Assistente do Diretor Geral e Representante Regional para a Africa, assumindo a coordenação de 48 países e a ligação com a União Africana, a Comissão das Nações Unidas para a Africa, o Banco Africano de Desenvolvimento, assim como com outras Organizações e Instituições Regionais de Investigação.

Desde 2013, é Diretora Geral Adjunta da ONU para a Alimentação e Agricultura (FAO), em Roma, sendo responsável pela área do Clima e Recursos Naturais.

Dedica uma atenção particular à investigação que se realiza na *Consultative Group on International Agricultural Research* – CGIAR, uma organização internacional que coordena programas de investigação agrícola destinados a reduzir a pobreza e alcançar a segurança alimentar de países emergentes.

Assegura, também, a gestão do Secretariado da ONU nas áreas da sua responsabilidade e as ligações com os Pequenos Estados Insulares.

Atualmente, no âmbito das suas responsabilidades na FAO

- Coordena e apoia os países na implementação da Agenda 2030;
- Estabelece a ligação com o Conselho Económico e Social das Nações Unidas e o Fórum Político de Alto Nível das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável.

No que respeita a DIMENSÃO MAIS PESSOAL de Maria Helena Semedo, cumpre-me destacar a sua particular preocupação e cruzada em prol do papel das mulheres no desenvolvimento.

Desde muito cedo que está empenhada e trabalha para que a Humanidade aprenda a respeitar e compreender a Natureza que a rodeia.

Pioneira, destemida e empreendedora.

- Foi a primeira Mulher a assumir a Presidência do Conselho de Ministros do Comité Inter-Estados para a Seca no Sahel.
- Foi a primeira Mulher Africana a assumir as responsabilidades de Diretora-Geral Adjunta da FAO.
- Foi líder da criação da Rede de Mulheres Economistas de Cabo Verde.
- Foi membro fundador da Organização dos Economistas de Cabo Verde.
- Foi membro da Rede das Mulheres Ministras e Parlamentares.
- Em 2018 foi nomeada "Mulher Diplomata do Ano".

A Universidade Aberta celebra trinta anos de existência e, à semelhança da carreira de Maria Helena Semedo, estamos perante um projeto orientado para vencer barreiras e ir ao encontro das necessidades (educativas/formativas e de acesso ao conhecimento) e expectativas de pessoas "em qualquer lugar do mundo", como é lema da UAb.

Embora em campos distintos, os caminhos trilhados por Maria Helena Semedo e pela Universidade Aberta têm como foco a Prosperidade das Pessoas e o Equilíbrio harmonioso do Planeta, onde a educação digital é uma aliada de peso na guerra contra a Fome e os Desequilíbrios ambientais e sociais.

Há três décadas que a Universidade Aberta contribui para a formação de populações adultas, em qualquer lugar do mundo, editando em diferentes suportes e em língua portuguesa, materiais científicos e de divulgação e disponibilizando cursos de graduação, de especialização e de Aprendizagem ao Longo da Vida em várias áreas do conhecimento, nomeadamente no domínio das Ciências do Ambiente e da Sustentabilidade Social e Desenvolvimento.

Contribuir para a criação e desenvolvimento de mentalidades e práticas de sustentabilidade ambiental e social, foi e será um compromisso e uma missão que nos aproximou e da qual nos orgulhamos.

Por isso, hoje, a Universidade Aberta reconhece e presta a justa homenagem a uma Pessoa que tem demonstrado um intenso entusiasmo e um grande amor por aquilo que faz.

Tem sido um compromisso assumido por e para a **VIDA**, porque Maria Helena Semedo fez escolhas e aceitou desafios, tornando-se Embaixadora de causas comunitárias, sociais e ambientais.

Com simplicidade, competência e humildade desenvolveu uma grande capacidade para dialogar e liderar equipas de pessoas comprometidas com a construção de uma sociedade mais justa e equilibrada, assente em valores democráticos e de sustentabilidade ambiental.

Maria Helena Semedo é **VOZ** de uma Mulher, Cidadã, Economista de renome que tem os **OLHOS** postos no Futuro da Humanidade.

Hoje prestamos homenagem a uma figura maior do universo lusófono. Uma cidadã do mundo cujos ideais e práticas são exemplares e com as quais nos identificamos.

Para terminar, creio poder afirmar que existem vínculos muito fortes que aproximam e unem os percursos de vida de Maria Helena Semedo e da Universidade Aberta, consubstanciados na partilha de Valores de Transparência | Credibilidade | Ética | Abertura e Inovação, e que hoje, "Por causa de honra", homenageamos.

Que a sua integração no Claustro da Universidade Aberta traga para esta nossa **alma mater** os benefícios do **carpe diem**, a convicção de servir o outro em prol de um Mundo e de um Futuro melhor e a determinação de desafiar constantemente as fronteiras do conhecimento.

Elogio da Agraciada

Dr. Jorge Carlos de Almeida Fonseca

Excelentíssimo e Magnífico Reitor da Universidade Aberta;
Doutoranda Maria Helena Semedo;
Exmos. Srs. membros de outras universidades, outras autoridades aqui presentes;
Ilustres Convidados;
Amigos e amigas;
Minhas senhoras e meus senhores,

Em primeiro lugar quero dizer que é com enorme prazer que participo nesta nobre distinção, em boa hora acolhida pela Universidade Aberta, pelo que agradeço a esta mui digna instituição o convite que me foi solenemente dirigido para pronunciar esta *Laudatio*. Um prazer particular pela amizade que me liga à hoje doutoranda, Maria Helena Semedo, e a grande admiração que nutro pela sua pessoa, pelo seu carácter e pelo trabalho desenvolvido ao longo dos anos.

Coube-me a honra de apadrinhar Helena Semedo nesta distinção, de enaltecer os seus justos e destacados méritos, e aqui trazer-vos a trajetória profissional da doutoranda. Trata-se de uma das cidadãs cabo-verdianas de maior mérito e mais proeminentes, e que mais se tem destacado nas diversas áreas que abraçou: na vida política, social, económica, onde deixou sempre uma marca pessoal de grande competência profissional, dedicação e de humanismo. Uma profissional, insisto, cujo percurso se funde, curiosamente, com o do seu país, no desabrochar dos anos oitenta, período que se segue à independência de Cabo Verde e em que se definem as políticas e as bases da sustentação económica para o garante da subsistência da sua população.

08



Mas, não menos importante, devemos, aqui, destacar também o seu desempenho como membro de governo de Cabo Verde, nos primeiros anos da democracia pluralista, nos inícios dos anos noventa, quando esta ensaiava os seus primeiros passos. Um trajecto que haveria, igualmente, de levá-la a saltar fronteiras, como todos sabemos.

Vislumbro nesse gesto de reconhecimento e homenagem a Helena Semedo que, ao longo da vida profissional e política tem pautado a sua intervenção por uma preocupação permanente com os equilíbrios ambientais e climáticos, um grande simbolismo.

Na actualidade, enfrentamos importantes problemas relacionados com as mudanças climáticas e o seu impacto ambiental que fazem pairar sobre o mundo perigos cada vez mais ameaçadores.

O mundo e a própria vida encontram-se expostos a riscos muito concretos e intensos, num contexto em que se assiste a recuos preocupantes no que se refere a compromissos globais, os únicos capazes de contribuir para o controlo da situação.

A defesa do meio ambiente e da biodiversidade são bandeiras que sempre foram desfraldadas por Helena Semedo, uma vez para além da consciência de que se trata de um processo global, tem a clara percepção da grande vulnerabilidade do continente africano e dos pequenos Estados insulares nesses domínios.

Igualmente, a sua grande preocupação com a complexa questão da segurança alimentar, fundamental para largos milhões de pessoas, é uma constante na vida desta cabo-verdiana cidadã do mundo.

Maria Helena Semedo pertence a essa geração de jovens licenciados que, nove, dez, anos após a emergência de Cabo Verde na cena internacional, como Estado soberano, tem nas suas mãos a enorme tarefa de encontrar os caminhos para a viabilidade e o equilíbrio económico das ilhas. E é este esforço, esta confiança no futuro, um optimismo fortemente insuflado de realismo e de esperança – que sempre caracterizou as mulheres e os homens cabo-verdianos –, mas relevante neste período particular da nossa história, que está na base dos sucessos que o país viria a conhecer, e na posição hoje alcançada, em diversas áreas da nossa sociedade.

O seu trabalho, cumprido com a maior generosidade e acompanhado de um espírito cívico e determinado, teve sempre como objectivo principal a melhoria das condições de vida dos cidadãos do seu

país e dos outros, por onde passou, e onde foi responsável por políticas nesse sentido. Característica, essa, aliás, que revela paixão pelas causas que abraça, nos cargos que ocupa, aliadas à sua personalidade e suas qualidades humanas e, se me é permitido afirmá-lo, da sua qualidade de mulher cabo-verdiana, sempre optimista, paciente e perseverante.

A nossa distinguida reúne em si, para além do emblemático sorriso e olhar sereno com que nos habituou, a capacidade de planear, gerir e executar inspiradora para as mulheres e homens das nossas ilhas. Todos sabemos conhecemos a grande tenacidade e perseverança das mulheres de Cabo Verde que, em contextos sociais e familiares, por vezes muito difíceis, seguram a família e o próprio país. As mulheres que – repetindo o que afirmámos noutras circunstâncias – **souberam esculpir, na fina porcelana do nosso destino, um rosto da Nação.**

É dessa matéria e energia que emergem homens e mulheres, como Maria Helena Semedo, dotadas de grande capacidade de realização, e que se destinam a ser colocadas em benefício dos seus concidadãos e não só, como iremos ver.

Para além dos seus predicados pessoais, é indesmentível o seu contributo na tarefa importante que tem sido a de levar esperança e desenvolvimento a milhares de cidadãos africanos, em vários países, contribuindo para a diminuição da pobreza, melhorando a qualidade de vida de milhões de pessoas, abraçando cada desafio com a maior das causas e dedicando-lhe o maior empenho possível. Quem trata com ela ou conhece de perto Helena Semedo verifica essa linha do rigor e do compromisso com as causas públicas, onde sempre se sentiu particularmente à vontade, como é seu timbre. É sabido como as grandes instituições também necessitam de quem as faça funcionar, na plenitude, e cumprir da melhor forma possível as suas atribuições.

Excelências,
Minhas Senhoras e meus Senhores,

Razões de sobra existem para o reconhecimento do doutoramento honoris causa a esta que é uma figura inspiradora para a sociedade cabo-verdiana e para o continente africano. É ela, a sociedade dos homens e das mulheres, em especial aqueles que mais precisam, a beneficiária da competência de pessoas empenhadas, como Helena Semedo. A nossa doutoranda coloca no exercício das suas funções uma visão harmoniosa, própria do seu carácter cosmopolita e um optimismo baseado numa larga experiência, a que se alia uma linguagem franca e compreensível, como deve ser a linguagem da verdade e da inclusão, a única possível, quando os nossos actos são guiados pela mão do humanismo.

Foi jovem liceal nos anos mais difíceis do arranque do Estado cabo-verdiano e quadro superior no período da transição política, acabando por participar directa, viva e criativamente na edificação da nossa jovem democracia e no estabelecimento das bases fundacionais do regime, que inaugurava uma nova fase na vida na sociedade cabo-verdiana. Esteve na direcção política do Movimento para a Democracia nos seus primórdios e, inclusivamente, sem ter sido formalmente membro da organização clandestina, esteve próxima sempre dos activistas que, no período do partido único, criaram os *Círculos Cabo-verdianos para a Democracia* (C.C.P.D.), nos anos oitenta.

A história de algum sucesso económico e social, alcançado pelas nossas ilhas, é tributária da competência, da dedicação e do empenho de pessoas como Helena Semedo, e resulta da acção directa e do compromisso com o bem-estar de todos, no exercício das suas funções.

Após licenciarse em Economia, pelo Instituto Superior de Economia, de Lisboa, Helena Semedo estagiou na Direcção Geral do Planeamento do Ministério da Economia de Portugal, antes de iniciar a sua carreira profissional, em Cabo Verde, em 1984, como técnica

superior na Direcção Geral do Planeamento do Ministério da Cooperação e do Plano, ocupando-se dos sectores do Turismo e do Comércio. Os seus méritos, enquanto jovem quadro, na área económica, não passaram despercebidos, tendo sido convidada, em 1986, a integrar o Departamento de Investimentos, no Banco de Cabo Verde, onde seria, também, coordenadora da instalação e modernização das diferentes agências deste banco, no país. E quis o destino e a História que, mais do que mera testemunha, fosse também umas das protagonistas dos novos tempos, dos novos ares de mudança que chegavam a Cabo Verde, participando directamente no arranque da democracia cabo-verdiana.

Assim, Helena Semedo é escolhida para Secretária de Estado das Pescas, no novo governo saído das primeiras eleições livres, de 1991, formado pelo Movimento para a Democracia, com a responsabilidade de estabelecer e executar a modernização deste importante sector da economia das ilhas. E foram suficientes dois anos apenas para ser nomeada Ministra do Desenvolvimento Rural e das Pescas, com responsabilidades numa área – Agricultura, Ambiente, Coordenação do Desenvolvimento Rural e das Pescas – que a iria preparar, nos anos que vinham, para outros e importantes desafios.

Três anos depois, passa a chefiar o Ministério do Mar, mantendo as Pescas e assumindo toda a área dos transportes. Em 1998, Helena Semedo entra no seu sétimo ano como membro do Governo, assumindo as pastas do Turismo, dos Transportes e do Mar. E é quando toda a sua experiência e conhecimentos adquiridos, aliada às suas qualidades enquanto governante, a vão levar a ter as primeiras responsabilidades, a nível regional, como presidir o Conselho de Ministros do Comité Inter-Regional para a Seca

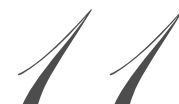
no Sahel, liderando e fazendo desta organização uma referência na região e sendo a primeira mulher a assumir estas responsabilidades. A doutoranda assumiu, igualmente, a presidência da Comissão Sub-Regional das Pescas, integrada por países como Cabo Verde, Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau, Guiné Conacry e Mauritânia. Presidiu a Comissão dos Estados Ribeirinhos do Oceano Atlântico, a que se seguiram várias representações de Cabo Verde em organizações regionais e internacionais, como a FAO, FIDA, ICAO, OMT, Reunião dos Ministros da Agricultura da CEDEAO, União Africana, tendo também integrado a Rede das Mulheres Ministras e Parlamentares. Após deixar o governo, em 2001, assume o seu lugar de deputada na Assembleia Nacional, representando o seu país na União Inter-Parlamentar.

Inevitavelmente, a sua experiência e prova dada à frente de vários ministérios, nos governos do seu país, catapultaram-na para outras responsabilidades. E é assim que Helena Semedo deixa o país, em 2003, para dar início a uma carreira internacional, na FAO – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura – como representante desta agência na República do Níger, onde fica até 2008. Nesse ano, muda-se para Accra, no Gana, assumindo ao mesmo tempo funções de Coordenadora para a África Ocidental, e as de Directora-Regional Adjunta e Representante da FAO junto da República do Gana. Em 2009 é nomeada Assistente do Director Geral e Representante Regional para a África, assumindo a coordenação de 48 países e a ligação com a União Africana, a Comissão das Nações Unidas para a África, o Banco Africano de Desenvolvimento, bem como várias organizações e instituições de Pesquisa Regionais.

Maria Helena Semedo ocupa, desde 2013, as funções de Directora-Geral Adjunta da FAO – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Ambiente, com responsabilidades na área do Clima e Recursos Naturais. Acumula, também, o papel de ponto focal

para as Convenções das Nações Unidas na área do Clima e Ambiente, Instituições de Pesquisa, o CGIAR, ligações com Pequenos Estados. Coordena, ainda, a execução da Agenda 2030 na FAO, o apoio da FAO aos países na aplicação da Agenda 2030 e a ligação com a ECOSOC e o HLPF (High Level Political Forum).

Como todos podem conferir, Maria Helena Semedo é uma reconhecida especialista em questões de desenvolvimento agrícola a nível mundial, contando mais de 30 anos de experiência profissional, com passagem por diversos cargos governativos, no seu país. Ciente da importância da Segurança Alimentar, Nutrição e da agricultura durável na luta contra a fome e a pobreza, Helena Semedo tem defendido esta causa, dando voz às populações e comunidades vulneráveis, ao nível mundial, com especial atenção às mulheres. Foi a segunda mulher a exercer funções governativas, em Cabo Verde, e a primeira representante da FAO no Níger, como dissemos, assim como Directora Regional para a África, e a primeira Africana a assumir as responsabilidades de Directora-Geral Adjunta da FAO.



Em Cabo Verde liderou a criação da Rede de Mulheres Economistas do país e é membro fundador da Organização dos Economistas de Cabo Verde.

Minhas Senhoras e meus Senhores,

É indubitável, por aquilo que acabam de escutar, que a trajectória e o percurso profissional de Helena Semedo são o exemplo de pessoa especialmente dotada para o exercício de cargos públicos, sobretudo de nível mundial, em que o caminho da solução para os múltiplos problemas do nosso tempo passa pela experiência, compreensão e a busca de consensos, tudo conjugado com uma boa dose de optimismo e fortes convicções democráticas. Como se viu, o desenvolvimento sustentado e o papel das mulheres são alguns dos pontos que têm marcado a sua agenda, que leva sempre em conta a participação activa, de forma igualitária, de todos aqueles que são, de uma maneira ou de outra, afectados pelas decisões que toma, refiro-me a países e população – através do financiamento de programas conjuntos, que respeitam à alimentação e ao ambiente.

Estamos a falar de toda uma experiência colocada ao serviço daqueles que mais precisam, e um saber escutar os outros, sempre com o seu natural e característico sorriso afectuoso e contagiante, porque ela sabe a importância do diálogo na resolução dos problemas que se nos colocam, sobretudo nós, os oriundos dos países cujas populações são as mais carenciadas, mais dependentes da boa eficácia das políticas desenvolvimento sustentado. São capacidades aprofundadas e refinadas pela sua experiência nos vários países sob sua responsabilidade, tendo sempre presente a consciência do impacto das suas decisões.

Senhoras e Senhores,

Diz-se que a verdadeira dimensão de um país é o tamanho do seu interior. E no interior de cada cabo-verdiano – das vendedeiras aos pescadores, dos agricultores aos profissionais liberais, do cidadão comum ao político, nas ilhas e na diáspora - há uma melodia que atravessa tempos e gerações, montanhas e ventos, espaço e memória, embalando o barco da nossa viagem, cantada através da nossa morna, cujo Dia Nacional celebramos hoje, sob a égide do compositor B Leza.

E é na evocação do simbolismo desta data, que recorta um dos selos marcantes da nossa existência, enquanto povo, que termino.

O currículo e a obra realizada por Helena Semedo põem em evidência a sua experiência, a sua capacidade e sobretudo os seus valores: de humanista, de pessoa dedicada ao serviço público, da pessoa certa nos cargos de responsabilidade que ocupou e que actualmente ocupa. Creio que será mais do que suficiente, pelo atrás exposto, que a trajectória de Maria Helena Semedo, personalidade da maior relevância e prestígio interno e externo, responsável por decisões com impacto determinante para o progresso das nações e dos povos africanos, para a transformação positiva das nossas sociedades, não deixa qualquer margem para dúvidas, eu dizia, ser meritoriamente merecedora da distinção, de ser nomeada doutora honoris causa, pela Universidade Aberta de Lisboa.

Tenho dito

Obrigado pela vossa atenção

Intervenção da Doutora *Honoris Causa*
Doutora Maria Helena Nobre de Moraes Querido Semedo

A sustentabilidade e a urgência em alcançar o desenvolvimento sustentável

Sua Excelência, Sr. Presidente da República de Cabo Verde Dr. Jorge Carlos Fonseca;

Sua Excelência Ministro da Agricultura, Florestas e Desenvolvimento de Portugal Dr. Capoulas Santos;

Sua Excelência, Sr. Ministro da Agricultura de Cabo Verde Engenheiro Gilberto Silva;

Magnífico Reitor Doutor Paulo Maria Bastos da Silva Dias;

Sra. Vice-Reitora Doutora Carla Maria de Padrel de Oliveira;

Sra. Secretária Executiva, da CPLP Maria do Carmo Silveira;

Sua Excelência, Sr. Embaixador da República de Cabo Verde em Portugal Dr. Enrico Monteiro;

Sua Excelência, Sr. Embaixador de Cabo Verde junto dos Estados Unidos e Ex Primeiro-Ministro Dr. Carlos Veiga;

Sua Excelência, Sr. Embaixador de Cabo Verde em Itália Dr. Jorge Gonçalves;

Excelências Representantes do Corpo Diplomático;

Sr. Presidente do Conselho Geral Eng.º Anacoreta Correia;

Dr. Roberto Carneiro *Honoris Causa* de Universidade Aberta;

Familiares, Amigas e Amigos, Professores, Colegas, Estudantes, membros da comunicação social;

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Cumpre-me um grato dever de expressar o meu profundo reconhecimento pela honra que a Universidade Aberta me confere ao distinguir-me com o grau de Doutor *Honoris Causa* na área da Sustentabilidade Social e Desenvolvimento.



É um orgulho ser outorgada com tão elevado título por esta Universidade, que comemora os 30 anos da sua fundação, de vanguarda e de referência na utilização das mais avançadas técnicas, cuja missão reside na criação de ambientes inovadores de educação, em termos de qualidade, cobertura e equidade.

Uma educação sem fronteiras que contempla, prioritariamente, os países da Lusofonia, representada nesta cerimónia por Cabo Verde, de quem sou filha.

Permitam-me manifestar os meus mais calorosos agradecimentos pelas palavras que me foram dirigidas pelo Sr. Presidente da República de Cabo Verde, amigo e companheiro de várias lutas, que muito me tocaram.

Ao magnífico reitor, Doutor Paulo Maria Bastos da Silva Dias e à Vice-reitora, Doutora Carla Maria Bispo Padrel de Oliveira, e que constituem para mim, um incentivo para continuar a dar o meu modesto contributo para a sobrevivência da TERRA, património de todos nós, da nossa Casa Comum.

Que possamos deixar aos vindouros, uma Terra como foi sentida e celebrada pelo Chefe Seattle na carta dirigida, em 1854, ao Presidente dos Estados Unidos, um verdadeiro hino à Natureza

*..."Somos parte da terra e ela é parte de nós.
As flores perfumadas são nossas irmãs
Os cumes rochosos, os eflúvios da planície e o homem
todos pertencem à mesma família"...*
*..." A TERRA não pertence ao homem, é o homem que
pertence à TERRA. (...)*

Permitam-me também manifestar a minha gratidão e orgulho neste momento, em que através da minha pessoa, o vosso gesto honra igualmente:

A minha família, a quem tudo devo. Foi ela a âncora que me transmitiu a força de avançar com determinação, ética, sentido de responsabilidade, valores esses em mim enraizados.

Aos meus professores, colegas, colaboradores, amigas e amigos de toda uma vida, que me incentivaram a orientar o sentido da minha caminhada e traçar o ideal que procuro, com pequenos passos, atingir.

À minha Universidade, o Instituto Superior de Economia e Gestão.

A todos com quem tive a honra de trabalhar aqui representados pelo Dr. Carlos Veiga.

Aos meus chefes, fonte de inspiração.

E ao meu país, Cabo Verde, a chave do meu percurso.

O meu obrigado a todos os que me acompanham hoje nesta cerimónia que muito me orgulha. A minha gratidão aos que vieram de longe para celebrar este dia.

Como dizia Aristóteles, a grandeza não consiste em receber Honras, mas em merecê-las!

É assim que o entendo, isto é, que o título que me é atribuído, é antes de mais uma homenagem ao meu País, às mulheres, reconhecimento pelos esforços que vêm sendo desenvolvidos por gerações de caboverdianos numa luta árdua em várias frentes - política, económica, ecológica, ética e cultural - na senda da construção de um projecto de desenvolvimento sustentável.

Um mundo melhor onde a FOME não seria jamais a preocupação quotidiana, mas uma palavra do passado ressoando longinquamente nas nossas memórias.

Foi essa a aspiração que cedo me animou a equacionar e a tentar ajudar a solucionar a questão alimentar no meu país mais tarde, com a experiência vivida enquanto Ministra Coordenadora do Comité Permanente Inter-Estados para a Seca no Sahel, CILSS.

Pois bem, o Sahel, ambiente frágil, com chuvas irregulares, onde as secas se traduzem rapidamente em fome e desespero, e onde um delicado equilíbrio precisa ser mantido ou restaurado entre o homem e o meio ambiente. A minha preocupação estendeu-se mais tarde ao resto do continente africano, onde os problemas são semelhantes, tendo sempre como prioridade as mulheres.

Paulatinamente, o meu percurso profissional levou-me a alargar os meus horizontes a um nível cada vez mais abrangente.

Foi o ponto de partida de uma linha de vida, construída, não só, através da minha formação académica e profissional, mas também como mulher, cidadã e do meu envolvimento político e governamental.

Esses factos foram decisivos para traçar a minha rota e assim contribuir para um mundo mais livre, democrático, ético, e justo, o dilema deste século.

Senhor Presidente,
Magnífico Reitor,
Senhoras e Senhores,

Entrando no tema que nos traz aqui hoje: a sustentabilidade e a urgência em alcançar o desenvolvimento sustentável.

Para isso precisamos olhar para trás, anos, décadas, séculos, milénios, até ao aparecimento do homem na terra.

Por muitos milénios, os Humanos eram apenas um elemento do ecossistema, uma espécie animal que compartilhava terras e recursos com outros animais.

Eram recolectores e caçadores e viviam em harmonia com a natureza.

Incorporavam o respeito e o cuidado para com a natureza, intrínsecos à sua própria existência.

Interpretando à luz dos conhecimentos actuais, o homem respeitava a sustentabilidade ambiental.



Cerca de 10 mil anos depois, um facto novo, designado por Revolução Neolítica ou Revolução Agrícola, que começou no Crescente Fértil, altera de forma drástica a relação homem/ ecossistema.

Favoreceu o estabelecimento sedentário, inspirou a invenção de novas técnicas, provocou um notável crescimento da população, desenvolveu o comércio, facultou a comunicação entre as pessoas e, conseqüentemente, dotou o homem de uma capacidade crescente de dominar o meio ambiente.

De um elemento do ecossistema, os seres humanos progressivamente tornaram-se mestres desses ecossistemas.

Foi assim, o início do desequilíbrio homem/ecossistema.

Por uma questão de tempo, debruçar-me-ei apenas nos factos mais relevantes para o tema em questão.

A primeira abordagem realmente científica sobre a agricultura é da autoria de Olivier de Serres, considerado por muitos, como o pai da agronomia moderna, apresentando descrições detalhadas sobre a fertilidade do solo, a rotação de culturas ou o uso combinado de diferentes variedades para mitigar o risco de quebra de safra.

Era evidente, já na época, a preocupação de preservar o equilíbrio do ecossistema.

Na segunda metade do século passado, a principal preocupação era como alimentar uma população mundial em rápido crescimento. A chamada Revolução Verde foi responsável pela introdução de variedades de alto rendimento, pelo uso de fertilizantes químicos e pesticidas, e pela prática da irrigação com o objetivo de aumentar a produtividade e a oferta de alimentos para acompanhar o crescimento da população.

Hoje, globalmente, o mundo produz o suficiente para alimentar a população existente.

Alguns números ilustram esses sucessos: em 1961, a população mundial era de 3 bilhões de pessoas. Hoje, são mais de 7 bilhões!

Enquanto isso, a área agrícola per capita caiu de 0,45 ha em 1961 para 0,22 ha em 2015. Isso significa que, ao longo deste período, a maior parte dos ganhos na produção agrícola foi obtida através da exploração intensiva das terras aráveis, dobrando a produção por hectare.

Assim, as revoluções agrícolas fizeram milagres, proporcionando à população um rápido crescimento de alimentos acessíveis e suficientes. No entanto, esses sucessos têm grandes implicações sociais.

A deflorestação, a perda de biodiversidade, a degradação do solo e a poluição causada por pesticidas afectam milhões de hectares de terra em todo o mundo e constituem risco permanente à saúde dos trabalhadores no campo.

Os setores agrícola e florestal, conjugados com outros usos da terra, contribuem com 25% do total das emissões de gases de efeito estufa, sendo responsáveis por muitos dos impactos atuais causados pelas mudanças climáticas.

No aspecto social, as coisas não são melhores. Os aumentos na produtividade agrícola nem sempre resultaram em segurança alimentar e nutricional para todos, nem tão pouco para erradicar a pobreza nas áreas rurais.

Como já disse, o Mundo produz comida suficiente, mas a Fome ainda é uma realidade.

Hoje, cerca de 821 milhões de pessoas continuam a passar fome. É um dos grandes paradoxos do nosso tempo: a maioria das comunidades pobres e subnutridas são aquelas que dependem diretamente da agricultura para a sua subsistência.

A nossa alimentação não é saudável, pois 1 em cada 8 pessoas é obesa.

Perdemos ou desperdiçamos um terço do que produzimos.

Senhoras e Senhores,

A questão do desenvolvimento e, em particular, a alimentar como o “primum movens”, ditou a minha escolha de deixar o papel de espectador para ser ator. Penso que este sentimento nasceu comigo, aliás está intrinsecamente ligado à história do povo das ilhas, vivendo cada ano na esperança de que a chuva amiga falasse mantenha, como magistralmente Manuel Lopes descreve em “Os Flagelados do vento leste”:

*Sim, a chuva chegaria um dia, esperavam por ela como se espera pela sorte, no jogo.
Se não viesse, a alternativa seria apertar o cinto, meter a coragem no coração para a luta, como qualquer homem pode fazer quando cai no meio da borrasca. Já estavam habituados” (Manuel Lopes, 1960: 14).*

É essa a fonte do meu percurso académico, profissional, político que me conduziu hoje a estar entre vós. A minha bússola orientou-se um pouco, talvez, no eco da poesia, tal qual o poema de Ovídio Martins:

*“Somos os flagelados do vento leste (...)
Morremos e ressuscitamos todos os anos (...)
Teimosamente continuamos de pé, num desafio aos
deuses e aos homens”*

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Como tem o mundo reagido a esse desafio? Preocupações sobre os impactos ambientais do desenvolvimento foram levantadas desde a década de 70 do Século XX, após duas décadas de rápido crescimento económico. Mas é em 1987, com a publicação do relatório da Comissão Bruntland ‘**Nosso futuro comum**’ que o conceito de desenvolvimento sustentável se tornou mais conhecido.



Ora bem, quando iniciei a minha carreira como economista, ainda jovem, em Cabo Verde, no Ministério do Planeamento e Cooperação, não foi fácil aos planificadores entenderem este conceito, na época confuso, difícil de medir / descrever em termos económicos.

Em 1992, enquanto Secretária de Estado das Pescas em Cabo Verde e, mais tarde, Ministra da Agricultura do Desenvolvimento Rural e das Pescas, comecei a compreender a própria essência da sustentabilidade através do estudo e discussão do "Código de Conduta para a Pesca Responsável", bem como a noção de sobrepesca, um dos grandes desafios da actualidade.

Na mesma altura acontecia no Rio de Janeiro a Cimeira da Terra, a primeira Conferência sobre meio ambiente e desenvolvimento.

Três importantes convenções ambientais foram assinadas, sobre as mudanças climáticas, diversidade biológica e, dois anos depois, sobre desertificação, que tive a honra de assinar em representação de Cabo Verde.

A noção de sustentabilidade estava-se tornando bem conhecida, como consequência de estudos vários que conduziram a uma visão abrangente de desenvolvimento sustentável que deveria integrar as dimensões económica, social e ambiental.

Essa nova visão foi assumida em primeiro lugar em círculos académicos e, progressivamente, estendeu-se a toda a sociedade.

Com efeito, os decisores políticos tiveram dificuldades em equilibrar as três dimensões do desenvolvimento sustentável, particularmente nas suas políticas, estratégias e programas, sobretudo quando se tratava de países menos desenvolvidos, cuja prioridade é o

desenvolvimento económico e social.

De facto, foram necessários mais 20 anos para os formuladores de políticas públicas perceberem a importância da sustentabilidade, o seu papel para a sobrevivência das nossas sociedades e a necessidade de agir imediatamente e de maneira decisiva.

Realçaria que, em setembro de 2000, tem lugar a Cimeira do Milénio, com o objectivo de estabelecer metas para que os países pudessem enfrentar os diversos problemas mundiais.

Assim proposto, os Chefes de Estado assumiram o compromisso de executar uma agenda global para a promoção da paz, dos direitos humanos e do desenvolvimento.

Enquanto isso, prosseguia a minha carreira, o que me deu muitas oportunidades para entender a absoluta necessidade de tornar o nosso desenvolvimento mais sustentável.

Na linha do pensamento que este seria o maior desafio do mundo.



E isso ficou ainda mais evidente para mim quando, em 2003, assumi o cargo de Representante da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura, a FAO, no Níger, e depois como Representante Regional da FAO para a África.

Ora bem, o Níger é um bom exemplo de país em que não pode haver desenvolvimento sem sustentabilidade.

Minhas Senhoras e meus Senhores,
Concordaremos todos que não é fácil encontrar o equilíbrio certo entre a produtividade, a sustentabilidade, a inclusão social e a crescente necessidade de aumentar a resiliência às mudanças climáticas. Os países enfrentam situações muito diversas, em termos do estado dos recursos naturais, seu crescimento populacional e sua segurança alimentar. Muitos enfrentam vários desses desafios ao mesmo tempo.

Ao prosseguir a minha carreira na FAO, Cabo Verde, Niger, Ghana, a complexidade do desenvolvimento sustentável tornou-se cada vez mais óbvia.

Em 2013, o recém-eleito Diretor-Geral da FAO convidou-me para liderar o braço da Organização que lida com Recursos Naturais e integra todas as disciplinas agrícolas, visando colocar

a agricultura como parte do ecossistema, reconciliando a humanidade com o seu ambiente. Como parte de uma reforma ambiciosa, a agricultura sustentável tornou-se o pilar central de todo o trabalho técnico da FAO.

Passámos para uma abordagem holística, promovendo abordagens trans-setoriais e integradas.

Não há outro caminho a percorrer, precisamos implementar o desenvolvimento em todas as suas dimensões – económica, social e ambiental.

Não podemos priorizar apenas o aumento da produtividade, mas também precisamos olhar para a inclusão produtiva em áreas rurais pobres, igualdade entre os sexos, melhor nutrição, melhoria dos recursos naturais e sua resiliência às mudanças climáticas, acesso ao mercado e empregos decentes, tendo em conta as aspirações dos mais jovens, assim como as questões culturais.

Além disso, é necessário implementá-los de forma integrada, olhando as sinergias e “trade-offs” que podem ocorrer.



Era preciso fazer prova de criatividade, de fé e ambição para modelar soluções duráveis que permitiriam à nova geração encarar o futuro com serenidade e optimismo.

Em setembro de 2015, na Assembléia Geral das Nações Unidas, mais de 150 líderes mundiais adoptaram por unanimidade a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável chamada ***Transformando o nosso mundo***, que está organizada em torno de 17 Objectivos de Desenvolvimento Sustentável.

Esta é a primeira tentativa de alcançar a transformação universal e inclusiva para beneficiar as gerações actuais e futuras, envolvendo não somente os governos, mas também o sector privado e a sociedade civil.

É o acordo intergovernamental mais avançado e sofisticado de todos os tempos.

Meses mais tarde, em Paris, os países participantes da ***Conferência das Partes da Convenção sobre Mudança do Clima***, através do acordo de Paris, concordaram com uma agenda que tem como objetivo de longo prazo, conter o aquecimento global abaixo de 2° C, preferencialmente em 1,5 ° C. É certamente o mais urgente e crítico de todos os desafios ambientais que o mundo já enfrentou.

Na passada quinta-feira, o Secretário-Geral das Nações Unidas apelava aos líderes políticos que considerassem a ***Mudança do Clima*** como prioridade na sua agenda.

Tive a honra de presenciar esses dois momentos históricos.
É a agenda de todos nós!

Apela a todas as nações a se transformarem em sociedades mais inclusivas, equitativas, sustentáveis e responsáveis na sua abordagem de desenvolvimento e mudanças climáticas.

Baseia-se naquilo que é conhecido como os “cinco Ps”: Pessoas, Planeta, Prosperidade, Parceria e Paz.

Não poderia terminar sem me dirigir aos estudantes aqui presentes.

As novas gerações têm uma dupla responsabilidade a propósito do tema aqui abordado – Desenvolvimento Sustentável.

Essa agenda é ambiciosa, é ousada, mas é a única forma de garantirmos uma vida decente para todos, hoje e amanhã; é a agenda onde as diferenças entre ricos e pobres são reduzidas, onde é garantida igualdade de oportunidades entre homens, mulheres e raparigas.

É a agenda pela qual os benefícios públicos são mais importantes do que os interesses privados e onde o nosso ambiente comum é valorizado pelo seu real valor: a garantia do nosso futuro.

Foram necessárias duas gerações para as nossas sociedades entenderem a importância crítica da sustentabilidade.

Os nossos governantes estão prestes a entender a importância da Agenda que endossaram.

Agora é preciso desenvolver mecanismos e ferramentas para a implementar, são precisas novas instituições; políticas corajosas; estratégias globais, concertação entre as nações, parcerias e inovação, vontade política.

Estamos progredindo, mas em muitos casos, interesses privados de curto prazo ainda prevalecem sobre benefícios comuns.

Sr. Presidente da República,

O lema da Presidência *pro tempore* de Cabo Verde da CPLP “Cultura, Pessoas e Oceanos” enquadra-se nos desafios da Agenda 2030 e na Nova Visão Estratégica da CPLP, visando responder às expectativas existentes de uma vida decente, inclusiva e sustentável no espaço da Comunidade de Língua Portuguesa.

Antes de terminar, um pensamento especial para os meus pais que infelizmente não puderam estar comigo.

Um muito obrigada a todos os que contribuíram para a realização desta cerimónia.

Excelências, Senhoras e Senhores,

A guerra não está vencida, temos que ter coragem para agir e mudar.

Termino com um extracto da obra da cientista Rachel Carson, “A Primavera Silenciosa”:

*... O homem é parte da natureza e a sua guerra contra a natureza é inevitavelmente uma guerra contra si mesmo...
Temos, pela frente um desafio como nunca a humanidade teve, de provar nossa maturidade e nosso domínio, não da natureza, mas de nós mesmos.*

Muito Obrigada!



Encerramento da Cerimónia pelo Reitor da Universidade Aberta

Professor Doutor Paulo Maria Bastos da Silva Dias

Exmo. Senhor Presidente da República de Cabo Verde, Excelência;
Exmos. Senhores Ministros e Secretários de Estado;
Exmos. Senhores Embaixadores e Membros do Corpo Diplomático;
Exma. Senhora Secretária Executiva da CPLP;
Exmas. Autoridades Cíveis e Militares;
Exmos. Senhores Reitores;
Exmo. Senhor Presidente do Conselho Geral da Universidade Aberta;
Exmos. Senhores Presidentes dos Órgãos de Governo da Universidade Aberta;
Exmo. Senhor Professor Roberto Carneiro;
Exmos. Senhores Membros da Comunidade Académica, alunos, trabalhadores não docentes, docentes e investigadores;
Ilustres convidados;
Minhas Senhoras e Senhores,



Tenho uma primeira palavra: acolhimento

Acolher é a expressão da abertura e da partilha, significa também afirmar a pertença à comunidade.

É com a maior honra que afirmo o acolhimento da Doutora Maria Helena Semedo no Claustro Doutoral da Universidade Aberta de Portugal, ao qual pertence com todos os direitos e responsabilidades académicas, a partir de hoje.

Pertence a esta comunidade para a fazer maior, com todo o seu saber. Este é também o compromisso que assume a partir de agora.

A Doutora Maria Helena Semedo tem um pensamento e voz com a mais forte expressão no desenvolvimento sustentável e na promoção da cidadania e do equilíbrio ecológico.

Permito-me sublinhar, em primeiro lugar, a cidadania, pois esta é a voz da abertura para a expressão da pluralidade do pensamento social.

E, em segundo lugar, a voz da promoção do equilíbrio ecológico para a sustentabilidade das comunidades e a construção de um mundo melhor.

Uma segunda palavra: reconhecimento

O reconhecimento na ação de valorização do pensamento e da representação social das comunidades para as transformar em comunidades de valor.

Um valor construído na liberdade para a cidadania e a inclusão nas redes de conhecimento da sociedade digital.

Por esta razão a Universidade Aberta, uma universidade cuja missão e atividade se destacam na promoção da educação aberta e em rede, não pode deixar de reconhecer o percurso e a intervenção da Doutora Maria Helena Semedo, como foi já amplamente exposto nas intervenções anteriores, em particular, na *laudatio* de Sua Excelência o Presidente da República de Cabo Verde, na valorização da liberdade intelectual como meio para o desenvolvimento da mudança e da sustentabilidade social.

A educação é a condição para a criação de comunidades de valor; por outras palavras, o desenvolvimento das comunidades de inovação e criação do novo conhecimento.

Minhas senhoras e meus senhores

A minha terceira palavra é sobre o futuro cujo novo ciclo estamos a iniciar com a comemoração do trigésimo aniversário da Universidade Aberta, a qual foi distinguida por Sua Excelência o Presidente da República de Portugal, Professor Marcelo Rebelo de Sousa, como membro honorário da Ordem de Mérito.

24

A construção do futuro está a ser iniciada nesta sessão solene de atribuição do grau de Doutora *Honoris Causa* a Maria Helena Semedo. Estamos a reconhecer a voz da nossa nova doutora e, deste modo, a projetá-la para novas e desafiantes realizações que serão construídas entre a FAO e a Universidade Aberta, sempre com o objetivo de criar valor social e promover o desenvolvimento sustentável.

Será este o nosso contributo para, em conjunto e íntima cooperação, promovermos a cidadania e a inclusão nas redes de conhecimento da sociedade digital, e prosseguirmos de forma empenhada na ação para a construção de um mundo melhor e com menos desigualdades.

O contributo da Universidade Aberta para a afirmação de uma sociedade de valor na globalização tem também a sua expressão na recente constituição da Associação de Educação a Distância dos Países de Língua Portuguesa, que recolhe com a maior honra o Patrocínio da CPLP, e cuja primeira reunião do seu Conselho Geral, para aprovação dos estatutos e eleição dos órgãos de governo, decorreu no passado dia 28 de novembro.

A associação é uma plataforma de acolhimento para construir uma educação aberta e plural com o envolvimento ativo dos membros da CPLP, uma plataforma de diálogo e partilha para valorizar a criação de conhecimento em língua portuguesa na comunidade dos países de língua portuguesa e na diáspora.

A língua que nos une é também a representação desta comunidade de 260 milhões de falantes, a terceira língua mais falada nas redes sociais e que será a língua de uma comunidade de 400 milhões no final deste século.

É uma língua de cultura e inovação, de ciência e tecnologia, que temos o dever e a obrigação de valorizar e afirmar como língua de conhecimento na globalização.





Coro Lisboa Cantat

